



GUERRA NO ORIENTE MÉDIO

Hammas exige trégua para libertar reféns

Grupo terrorista palestino afirma que a eliminação de Yahya Sinwar, mentor do massacre de 7 de outubro de 2023, apenas fortalece o movimento. Vice-líder condiciona soltura dos sequestrados ao fim da operação militar na Faixa de Gaza

» RODRIGO CRAVEIRO

O movimento terrorista Hamas assegurou que a eliminação de seu líder, Yahya Sinwar, o tornará mais forte e descartou libertar os 101 reféns até que Israel ponha fim à guerra em Gaza. Sinwar foi morto na tarde de quarta-feira, durante operação de rotina do Exército israelense. Em vídeo, Khalil Al-Haya, vice-líder do Politburo (comitê político do Hamas), afirmou que Israel se arrenderá por ter matado Sinwar. “Os prisioneiros não retornarão, a menos que a agressão contra o nosso povo em Gaza pare”, declarou.

Por sua vez, as Brigadas Ezzeddin al-Qassam — braço armado do movimento — prometeu manter a luta até a “libertação da Palestina”. Em nota, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) lamentou a morte de Sinwar e exortou as facções palestinas a se unirem. “O comitê executivo da Organização para a Libertação da Palestina expressa suas condolências ao povo palestino e a todas as facções nacionais pelo martírio do grande líder nacional Yahya Sinwar.”

Em nota enviada à reportagem, Basem Naim, chefe do Departamento Político do Hamas, disse que Israel “acredita que matar os líderes (do grupo) significa o fim do movimento e da luta do povo palestino”. “Eles podem acreditar no que quiserem. (...) Eles repetiram as mesmas declarações quando mataram o xequê Ahmed Yassin (2004); o Dr. Abdel Aziz Al-Rantisi (2004); e Salah Shehade, primeiro chefe das Brigadas Al-Qassam (2002). O Hamas, cada vez mais, tornou-se mais forte e popular, e essas lideranças se transformaram em ícones para futuras gerações”, advertiu. “O Hamas é um movimento de libertação liderado pelo povo, que busca liberdade e dignidade, e isso não pode ser eliminado. Nós acreditamos que nosso destino seja um de duas coisas boas: a vitória ou o martírio.”

Mohammed Abed/AFP



Tiro na cabeça causou a morte

Yahya Sinwar foi eliminado com um tiro na cabeça, no bairro de Tel Sultan, em Rafah, no sul de Gaza, na tarde de quarta-feira. A informação foi divulgada por Chen Kugel, diretor do Instituto Nacional Forense de Israel. Kugel supervisionou a necropsia do corpo de Sinwar. Ele explicou que projéteis disparados por um tanque atingiram ainda o braço direito de Sinwar e provocaram uma hemorragia. O líder do Hamas tentou estancar o sangue usando um fio elétrico como torniquete, mas o antebraço tinha sido esmagado. A revelação de Kugel contraria a versão de que ele foi morto por um tanque.

Oportunidade pela paz

Ao fim de uma visita à Alemanha, o presidente dos EUA, Joe Biden, classificou a eliminação do terrorista como “uma oportunidade para buscar o caminho para a paz” no Oriente Médio. “Achamos que há uma possibilidade de trabalhar para um cessar-fogo no Líbano. E vai ser mais difícil em Gaza, mas concordamos que tem que haver um resultado, o que acontece no dia seguinte”, disse o democrata.

O ex-presidente dos EUA e candidato republicano à Casa Branca, Donald Trump, aplaudiu a eliminação de Sinwar e disse acreditar que o assassinato do terrorista aproxima a Faixa de Gaza da paz. “Penso que a torna (a paz) mais fácil. Estou contente de que Bibi (o primeiro-ministro israelense, Benjamin

IDF



Soldados se aproximam do edifício onde Sinwar e outros terroristas estavam escondidos, em Rafah (sul)

Netanyahu) tenha decidido fazer o que tinha que fazer”, declarou.

Ramzy Mardini, pesquisador do Centro para Segurança Internacional e Cooperação da Universidade de Stanford, acha pouco provável que a eliminação de Sinwar tenha impacto para alterar as condições do Hamas para a libertação dos reféns. “A razão é muito simples: desconfiança e falta de um ator credível para executar um eventual acordo. A soltura dos sequestrados não colocará fim à guerra, sob a perspectiva de Israel. Se o Hamas libertar os reféns, Netanyahu aproveitará para traduzir a vitória política em mais municiões, a fim de alimentar e prolongar a guerra. Isso porque ele não mais enfrentará pressões internas”, explicou ao *Correio*, por e-mail.

Ainda segundo Mardini, a morte de Sinwar dificilmente causará

qualquer perturbação na frente militar do Hamas. Ele lembra que o grupo operava com uma estrutura fortemente descentralizada e aguardava a execução de seu líder há muito tempo. “Tenho certeza de que os procedimentos para a sucessão foram estabelecidos. Com uma longa história de líderes abruptamente mortos por Israel, a organização aprendeu a suportar e a operar, de forma a se antecipar a esses assassinatos. Poucas organizações armadas no mundo são tão resilientes à decapitação de sua liderança.”

Apesar de reconhecer que Netanyahu tenha conquistado popularidade política a curto prazo, o especialista de Stanford alerta que, caso o premiê fracasse na libertação dos reféns, esses ganhos se evaporarão rapidamente. “Netanyahu está ficando sem desculpas. Foi um

erro da parte dele alegar que a morte de Sinwar é o começo do fim. Pode ser apenas o começo do próximo capítulo da guerra.”

Cientista político iraniano-americano e especialista em Oriente Médio pela Universidade de Harvard, Majid Rafizadeh afirmou ao *Correio* que a morte de Sinwar dificilmente abreviará a libertação dos reféns ou o fim da guerra. “Na verdade, tais assassinatos de alto perfil de líderes do Hamas podem provocar uma escalada ainda maior. Historicamente, o grupo respondeu a tais eventos com mais determinação e retaliação, em vez de oferecer concessões”, observou. “Sinwar estava profundamente entrenchado nas estratégias militares do Hamas, e sua morte pode encorajar o grupo a manter reféns por mais tempo como moeda de troca em negociações futuras.”

Eu acho...

Arquivo pessoal



“A maneira como os momentos finais de Sinwar foram filmados por um drone e seu gesto desafiador até o fim, apesar de gravemente ferido, serão costurados na memória de todos os palestinos e de muitos no mundo árabe e muçulmano, em geral. Sinwar foi presenteado com um final parecido com um filme. Estou chocado que os israelenses tenham divulgado a filmagem, pois ela minou completamente sua própria narrativa e melhorou a imagem e a reputação de Sinwar entre os palestinos. Não foi a inteligência ou o planejamento israelense que levou à sua morte. Sinwar buscou o martírio de um guerreiro e conseguiu. Isso provavelmente fortalecerá a determinação e o recrutamento do Hamas.”

Ramzy Mardini, pesquisador do Centro para Segurança Internacional e Cooperação da Universidade de Stanford

Arquivo pessoal



“A declaração do Hamas de que a morte de Sinwar fortaleceu o grupo visa manter a coesão interna e o moral do grupo. Ao declarar que somente libertará os reféns após a guerra, o Hamas reforçando o uso deles como ativos estratégicos, alavancando-os para prolongar o conflito e garantir concessões. Essa retórica também os posiciona como resilientes, apesar da perda de dois líderes importantes, Sinwar e Haniyeh. Na realidade, embora as perdas de liderança possam criar desafios temporários, a estrutura descentralizada e a determinação ideológica do Hamas significam que o grupo ainda pode funcionar, militar e politicamente, sem Sinwar e Haniyeh.”

Majid Rafizadeh, cientista político iraniano-americano e especialista em Oriente Médio pela Universidade de Harvard

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Ensaio para o segundo tempo

O presidente Lula embarca amanhã rumo a Kazan, na Rússia, para encontrar os colegas do Brics, na primeira cúpula em que os cinco sócios fundadores (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) passam a contracenar com os novos membros plenos (Arábia Saudita, Irã, Egito, Emirados Árabes e Etiópia). O assessor especial Celso Amorim e o chanceler Mauro Vieira, com suas equipes, estarão atentos aos desdobramentos da reunião para o futuro do bloco: o Brasil assume a presidência rotativa em 2025, ano que dá início à segunda metade do governo.

Coincide com a ampliação do grupo um cenário internacional marcado pelo acirramento de conflitos que colocam o anfitrião, Vladimir Putin, e o aliado Xi Jinping em oposição frontal aos EUA e seus parceiros europeus e asiáticos. É o caso, especialmente, da Ucrânia, mas o diagnóstico se aplica também, em alguma medida, ao Oriente Médio, que parece caminhar para uma guerra regional

opondo diretamente Israel e o regime islâmico de Teerã.

A sombra dos dois focos de crise, alianças militares são estabelecidas ou reforçadas, e o desafio para o Brics é descortinar horizontes para consolidar-se como ponto de convergência entre os países em desenvolvimento — o chamado Sul Global.

A cor do dinheiro

Não escapa aos observadores que os 10 participantes e mais 30 convidados — chefes de Estado e de governo e representantes de organizações, inclusive o secretário-geral da ONU, António Guterres — farão seus debates com o olhar voltado para duas semanas adiante, quando os eleitores norte-americanos decidirão entre Kamala Harris e Donald Trump para ocupar a Casa Branca a partir de janeiro.

Um dos pontos centrais da agenda é o projeto, insistentemente invocado, de buscar alternativas ao dólar para as

transações comerciais entre os integrantes do bloco. Os passos que venham a ser discutidos serão explorados durante a presidência brasileira, que terá como reforço natural a presença da ex-presidente Dilma Rousseff à frente do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB, sigla em inglês para o “banco do Brics”).

Vagas abertas

Desde já, 2025 tem na agenda do bloco o desafio de definir critérios para novas adesões. Os cinco admitidos na cúpula de 2023, na África do Sul, eram apenas os primeiros de uma fila com cerca de 40 candidatos, entre asiáticos, africanos e latino-americanos. Um dos mais controversos é a Turquia, que se recoloca no cenário regional e mundial passado um século da dissolução do Império Otomano. O ingresso no Brics de um país-membro da Otan, com posição estratégica do ponto de vista militar, configura situação inédita — e

ilustrativa do panorama em que se redefine a ordem mundial.

Ao longo dos últimos 12 meses, uma força-tarefa diplomática trabalhou na configuração de um novo status de associação ao Brics, o dos países parceiros. No pano de fundo das discussões, ficam expostos os interesses próprios de cada um dos cinco fundadores, em especial Rússia e China.

Pela ótica do Kremlin, trata-se, em primeiro lugar, de consolidar um contrapeso ao bloco EUA-Otan, com o qual se enfrenta na Ucrânia. O regime comunista de Pequim investe na costura de trilhos longos e seguros para sua Iniciativa Cinturão e Rota, reedição da antiga Rota da Seda, empreitada econômica e comercial concebida para potencializar a exportação de mercadorias, serviços e capitais.

Lugar ao sol

O Brasil corre atrás do espaço perdido nos quatro anos de governo Bolsonaro, cuja política externa priorizou o realinhamento com o Ocidente, principalmente com os

EUA de Donald Trump. De volta ao Planalto para o terceiro mandato, Lula encontrou no bloco emergente um quadro em que Moscou e Pequim dividem as rédeas, enquanto a Índia lidera as taxas de crescimento econômico. A diplomacia brasileira investe na presidência rotativa para reposicionar o país em meio ao processo de ampliação.

É em conexão com esse movimento que volta ao debate, entre Planalto, Itamaraty e outros endereços na Esplanada, a adesão do país à Nova Rota da Seda. Setores do governo ponderam sobre impactos para a indústria nacional e possíveis implicações para as relações com Washington — e, nesse ponto, o desfecho da eleição presidencial de 5 de novembro é objeto de atenção máxima.

Vença a vice democrata ou o ex-presidente republicano, a rivalidade econômico-comercial com a China pautava a estratégia de Estado nos EUA. Mas é Trump quem dá à disputa contornos de uma guerra, a ponto de anunciar uma reaproximação com Putin para concentrar os esforços com Xi.